

## **Entrando na Arena Institucional: um estudo do Movimento Homossexual em Pernambuco na década de 1980**

**Émerson Silva Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** Nas últimas décadas houve uma progressiva ampliação no número de políticas públicas e outras iniciativas estatais de combate à discriminação e promoção de direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (LGBTI) no Brasil. Resultado das demandas apresentadas pelo Movimento LGBTI nos processos de interação estatal, tais iniciativas não ficaram restritas ao plano federal e multiplicaram-se pelas três unidades da federação, Municípios, Estados e União, e pelos três Poderes da República, Executivo, Legislativo e Judiciário. Na direção de contribuir para uma compreensão do início desse processo, este trabalho tem como objetivo identificar as interações do então Movimento Homossexual de Pernambuco com o Estado na década de 1980. Embora bastante ativa no período, sobretudo a partir da fundação do Grupo de Atuação Homossexual em Olinda (GATHO), a experiência da militância pernambucana figura de forma bastante residual na literatura acadêmica que discute o surgimento do Movimento LGBTI no nosso país. Em termos metodológicos, a pesquisa qualitativa de caráter exploratório que resultou neste artigo envolveu a análise de bibliografia, documentos e matérias jornalísticas. Foi possível identificar que as interações socioestatais entre Estado e Movimento em Pernambuco iniciaram-se em um período anterior à instalação da Assembleia Nacional Constituinte, indicando que uma compreensão mais ampla do surgimento e da trajetória do Movimento LGBTI no Brasil requer a análise de experiências que não se restrinjam aos Grupos de militância situados em São Paulo e no Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Movimento Homossexual. Movimento LGBTI. GATHO. Orientação Sexual. Identidade de Gênero.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande. <https://orcid.org/0000-0002-6384-6172>

Pouco mais de quatro décadas após o surgimento do Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (LGBTI) no Brasil, tornou-se relativamente comum observar ativistas pró-respeito à diversidade sexual e de gênero atuando nos corredores do Congresso Nacional, realizando *advocacy* nos tribunais superiores do Poder Judiciário e estabelecendo uma série de interações com o Poder Executivo nas três esferas da federação. Esse fenômeno, também comum na atuação de outros movimentos sociais (feminista, negro, ambientalista, etc.) no Brasil, tem recebido atenção de pesquisas interessadas em compreender os processos de interlocução entre Estado e sociedade civil.

Inseridas nesse debate, Rebecca Abers, Lizandra Serafim e Luciana Tatagiba desenvolveram o conceito de “repertórios de interação socioestatal”, uma adaptação do conceito de “repertórios de ação coletiva” de Charles Tilly, com vistas a possibilitar maiores reflexões a respeito das conexões existentes entre movimentos sociais e Estado no contexto brasileiro. A ênfase na perspectiva de permanente oposição entre essas duas esferas dá lugar a análise de dinâmicas colaborativas desenvolvidas entre atores no Estado e nos movimentos sociais. A partir de um Estudo de Caso, Abers, Serafim e Tatagiba (2014)<sup>2</sup>, propõem quatro rotinas comuns de “interação socioestatal” no Brasil, sendo elas: (i) Protestos e ação direta; (ii) Participação institucionalizada; (iii) Política de proximidade; e (iv) Ocupação de cargos na burocracia.

As interações estabelecidas entre atores da sociedade civil, tais como movimentos sociais, e o Estado, não são necessariamente e apenas conflituosas. Ao contrário, as experiências das últimas décadas evidenciaram novos modos de organização, atuação política e interlocução dos movimentos com o aparato estatal. De modo geral, no caso do Movimento LGBTI, a ampliação do uso de táticas mais ou menos institucionais e de novos enquadramentos de suas agendas e interesses no poder

---

<sup>2</sup> O estudo de caso analisa a combinação de rotinas de interação do Estado com os movimentos sociais na construção de políticas públicas durante o Governo Lula em três setores: desenvolvimento agrário, política urbana e segurança pública.

público federal foi, em grande medida, ampliada a partir da chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) na Presidência da República no ano de 2003. Todavia, isso não significa que os Movimentos já não vinham fazendo uso de estratégias de colaboração e interlocução com o Estado nos seus processos de reivindicação de direitos. Exemplo disso é a atuação de militantes do Grupo de Atuação Homossexual (GATHO) na apresentação de matérias de seu interesse na Câmara Municipal de Olinda/Pernambuco.

Observando esse contexto, o presente artigo tem como objetivo identificar as interações do então Movimento Homossexual<sup>3</sup> de Pernambuco com o Estado na década de 1980. Busca-se evidenciar as interações que ocorreram de forma direta, através da apresentação de demandas aos poderes públicos, mas também aquelas que existiram de forma indireta, via interlocuções com partidos políticos.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Embora a experiência do Movimento Homossexual de Pernambuco tenha sido bastante relevante na década de 1980, conforme evidenciado ao longo desse artigo, persiste a ausência de estudos com essa delimitação empírica e temporal. Estudos nessa direção podem contribuir para uma compreensão mais ampliada do surgimento e da trajetória do Movimento LGBTI no Brasil, possibilitando leituras analíticas menos restritas às experiências dos Grupos de militância localizados em São Paulo e no Rio de Janeiro no final dos anos 1970 e ao longo de 1980.

As fontes de informação acessadas para construção da pesquisa que resultou neste trabalho podem ser classificadas em três grupos: (I) Bibliográficas: artigos, livros e dissertações; (II) Documentais: boletins informativos do GATHO, relatórios de encontros organizados pelo Grupo e discursos de seus membros; e (III) Jornalísticas:

---

<sup>3</sup> A expressão “Movimento Homossexual” era utilizada até o início dos anos 1990 no Brasil para nomear o conjunto das lutas contra discriminação por orientação sexual e/ou identidade de gênero. Por isso, em consonância com o período histórico analisado e com os materiais aqui tratados, utilizaremos essa expressão como sinônimo do que hoje nomeamos como “Movimento LGBTI”.

textos publicados na década de 1980 pelo Jornal Diário de Pernambuco que fazem menção ao GATHO<sup>4</sup>.

Além dessa introdução e das considerações finais, o artigo está dividido em duas seções. A primeira pretendeu apresentar ao leitor o processo de surgimento do GATHO em 1980, situando elementos do contexto social de Pernambuco na época. Trata-se ainda, nesse primeiro momento, de evidenciar as principais ações desenvolvidas pelo Grupo nos seus primeiros anos de atividades e suas contribuições para o processo de emergência do Movimento LGBTI No Brasil. Por sua vez, a segunda seção se detém as interações estabelecidas pelo GATHO com o campo institucional, com vistas a obtenção de direitos junto ao Estado. Ao final, o conjunto de questões trazidas pelo presente trabalho também pretendeu contribuir para construção de uma memória política e afetiva das lutas contra discriminações motivadas por intolerância à diversidade sexual e identidade de gênero em Pernambuco.

### **O Surgimento Grupo de Atuação Homossexual (GATHO)**

O surgimento do GATHO, em 1980, primeira organização institucional de militância homossexual em Pernambuco, está inserido em um processo de crescente ampliação da visibilidade e dos debates em torno das sexualidades dissidentes. Apesar da repressão e perseguição do Estado através da polícia e da censura, o contexto pernambucano na década de 1970 era de grande efervescência cultural. Recife e Olinda concentravam boa parte dos espaços de circulação da comunidade homossexual na região metropolitana. As cidades contavam com bares, boates, cinemas, saunas e outros

---

<sup>4</sup> As matérias do Jornal Diário de Pernambuco citadas ao longo deste artigo foram coletadas pelos membros do Projeto de Pesquisa “Produções culturais em gênero, sexualidade e direito: agenciamentos possíveis em tempos adversos”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA-UFPE), sob coordenação do Professor Dr. Benedito Medrado. Meus sinceros e afetuosos agradecimentos ao GEMA-UFPE e a todos integrantes do Projeto de Pesquisa na pessoa do Professor Dr. Benedito Medrado pela ampla disponibilização do material.

estabelecimentos onde era possível conquistar parceiros afetivo-sexuais, fazer novas amizades e se inteirar das últimas novidades do “universo homossexual”. No final dos anos 1970 a existência de “boates gays” era de conhecimento público na capital pernambucana:

Com a proliferação de discotecas e “travoltas” regionais, Recife está devidamente inserida no contexto geral, inclusive no que se refere à quebra de tabus sexuais e sociais. Isto pode ser observado na primeira boate GAY – Misty – funcionando há quatro meses, com forte sedimentação na clientela de “entendidos classe A”, na Rua do Riachuelo [...] Apesar da neblina insinuada no nome “Misty”, o clima da casa noturna deixa transparecer todo o “gay power” da cidade, no ambiente decorado com alcatifa vermelha e espelhos, dando uma idéia de via pública. (JORNAL DO COMMERCIO apud SILVA, 2011. p. 197)<sup>5</sup>.

As duas cidades, Recife e Olinda também abrigavam diversos espaços de “pegação” onde era possível obter rápidas aventuras homoeróticas preservando o anonimato. Banheiros públicos, praças, ruas de circulação limitada e até pontos turísticos ficaram conhecidos como lugares possíveis para trocas sexuais efêmeras. Toda essa movimentação se constituiu como uma rica fonte para imprensa jornalística de Pernambuco que de forma recorrente produzia notícias sobre as sexualidades dissidentes, explorando os espaços de sociabilidade, os assassinatos homofóbicos, a formação de grupos de militância em diferentes localidades e os crimes cometidos por travestis e homossexuais, dando grande ênfase a este último tema.

É verdade que a experiência do Vivencial Diversiones<sup>6</sup> com suas poderosas apresentações, atraindo um público numeroso e por vezes sofisticado, contribuiu para que o tema da homossexualidade, antes restrito as páginas policiais, passasse a figurar

<sup>5</sup> Recife começa a quebrar tabus com sua primeira boate “gay”. Jornal do Commercio, Recife, sexta-feira, 07/04/1979, Caderno I, p. 07.

<sup>6</sup> O Grupo Teatral Vivencial Diversiones foi criado em 1974 e manteve-se ativo até 1983. Alguns anos após sua fundação, foi possível erguer uma sede própria em Olinda. O espaço atraiu um público diversificado, interessado em performances nada tradicionais. De acordo com Matheus Santos (2018, p. 13), “a trupe [...] ficou conhecida por uma estética tropicalista, pela sensualidade, pelas performances polêmicas – para público, imprensa e Estado [...] – e pela sexualidade desmesuradamente escancarada”.

em cadernos culturais e outras áreas dos jornais. A criação da Coluna “Mundo Guei”<sup>7</sup> no Jornal Diário da Noite, no fim da década de 1970, ilustra muito bem como o debate em torno da homossexualidade também passou a ser abordado de forma menos hostil pelos jornais em Pernambuco (RODRIGUES, 2016). Todavia, ainda prevalecia uma abordagem jornalística que predominantemente associava homossexualidade e travestilidade a criminalidade.

Essa perspectiva criminalizadora da imprensa para com as sexualidades dissidentes se constituiu como um dos fatores que motivaram a organização institucional da militância homossexual em Pernambuco através da fundação do GATHO. Vejamos abaixo um trecho extraído do Discurso de Jackson Cavalcanti Júnior, um dos membros do Grupo, por ocasião da homenagem realizada em 2010 pela Câmara Municipal de Olinda em celebração aos 30 anos de fundação da organização:

Há trinta anos surgia o Grupo de Atuação Homossexual, o GATHO, aqui em Olinda, no Centro de Cultura Professor Luiz Freire. Iniciando, efetivamente, numa reunião de quatro amigos, acontecida no dia 12 de maio de 1980: José de Albuquerque Porciúncula Filho – Zé Popó, Sávio Regueira, Rinaldo Pereira de Almeida e João Antônio Caldas Valença que, preocupados com os assassinatos de homossexuais do Recife: o do pianista do antigo Grande Hotel, Bamba; do bailarino Tony e do médico Marcos e, principalmente, com o tratamento dispensado pelos jornais do Recife na época (CAVALCANTI JÚNIOR, 2010, s.p.)<sup>8</sup>.

Buscando ampliar o conhecimento a respeito da existência do GATHO, seus militantes iniciaram a publicação de um Boletim Informativo<sup>9</sup> em outubro de 1980 que

<sup>7</sup> Publicada no extinto Jornal Diário da Noite entre outubro 1979 e março de 1980, a Coluna Mundo Guei abrigava uma variedade de temas, tais como: espaços de sociabilidade homossexual em Recife e Olinda, notícias sobre atuação de grupos de militância no Brasil e em outros países, fofocas e “escândalos”, além de outros textos que abordavam a questão homossexual. Para uma compreensão mais ampla sobre as publicações da Coluna consultar a dissertação de Rodrigues (2016).

<sup>8</sup> O discurso na íntegra pode ser acessado no site do Fórum LGBT de Pernambuco: <http://flgbtpe.blogspot.com/2010/07/discurso-de-jackson-cavalcanti-junior.html>

<sup>9</sup> Ao todo foram publicados 4 Boletins Informativos pelo GATHO entre outubro de 1980 e janeiro de 1981. Todas as edições estão disponíveis no seguinte site: <https://grupogatho.blogspot.com/>.

continha informações do Grupo, suas ações e discussões que versavam sobre o debate a respeito da homossexualidade. A última página do Boletim Informativo Nº 1 do GATHO apresentava os objetivos do Grupo. É possível identificar a utilização do termo “homossexualismo”, apesar do mesmo determinar a existência de uma patologia de acordo com a classificação vigente da Organização Mundial de Saúde (OMS). Também é possível perceber o interesse por uma maior compreensão da homossexualidade. Essa discussão é particularmente relevante quando lembramos que na década de 1980 ainda havia grande predominância dos saberes médicos e jurídicos nos debates a respeito da homossexualidade.

#### OBJETIVOS DO GATHO

1. Juntar homossexuais femininos e masculinos, para a discussões dos problemas, vivências e experiências de cada um, com a finalidade de um maior conhecimento por parte de cada participante, do que é homossexualismo, suas formas de exteriorização, extensão da repressão social, conhecimento este que será fundamental na superação dos problemas individuais e coletivos.
2. Promover debates internos e públicos, com a finalidade de incentivar o debate sobre a livre sexualidade, e a problemática homossexual em particular.
3. Lutar por uma sociedade justa, sem repressão, discriminação ou exploração de qualquer tipo, entendendo que a repressão à sexualidade é marte de uma repressão maior que atinge à sociedade como um todo, não sendo aceitável portanto o isolamento de nossas lutas do conjunto das lutas sociais.
4. Evitar a discriminação entre os próprios homossexuais.
5. Incentivar a criação de novos grupos de homossexuais sempre na perspectiva de lutarmos juntos.
6. Manter contato com outros grupos homossexuais organizados, tanto a nível local, quanto nacional e internacional (GATHO, 1980a, p.3).

As reuniões do GATHO aconteciam na sede do Centro Cultural Luiz Freire (CCFL), localizada na Rua 27 de janeiro, Bairro do Carmo em Olinda. Ainda em atividade, o CCFL é uma organização que atua no campo da defesa dos direitos humanos. Fundado em 1972 com o objetivo de contribuir com a restauração da democracia por meio do desenvolvimento de atividades culturais e projetos comunitários, o CCFL desempenhou um papel importante no surgimento do GATHO,

na medida em que possibilitou ao Grupo ter um espaço com localização privilegiada e boa estrutura física para realização de suas reuniões.

Charles Tilly, autor responsável pela formulação do conceito de repertório, defendeu que para a ação política coletiva de um novo movimento social se consubstanciar e tomar forma, é imprescindível se apropriar de “estruturas de mobilização” preexistentes e partir de redes de relacionamento com outras organizações (ALONSO, 2012). Essas “estruturas de mobilização” oferecem as bases organizacionais que possibilitam a emergência e o processo inicial de estruturação e mobilização de novos movimentos. No contexto da emergência do Movimento LGBT em Pernambuco é possível identificar a apropriação de uma “estrutura de mobilização” preexistente, a sede e o aparato organizacional do CCFL, para dar forma ao processo de fundação e ao desenvolvimento da ação política do GATHO.

A estrutura do CCFL utilizada inicialmente para as reuniões do Grupo, geralmente realizadas aos sábados, posteriormente tornou-se o endereço oficial para as correspondências enviadas ao GATHO. O Centro também foi um espaço para realização de atividades de grande relevância no processo de emergência do Movimento LGBT no Brasil, a exemplo do Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON). Realizado entre os dias 19 e 21 de abril de 1981 em Olinda e Recife, o Evento reuniu os seguintes Grupos de militância homossexual com atuação na região nordeste: GATHO de Olinda-Pernambuco, organizador do Encontro; Grupo Gay da Bahia (GGB) de Salvador-Bahia; Nós Também de João Pessoa-Paraíba; e DIALOGAY de Aracaju-Sergipe.

A ideia de realizar encontros regionais para maior integração dos Grupos Homossexuais então existentes surgiu no evento intitulado “Prévia do II Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), realizado em 6 de dezembro de 1980 no Rio de Janeiro. Organizado pelo Jornal Lampião da Esquina e pelos Grupos da região sudeste, sobretudo do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, a Prévia contou com a participação de



representantes de 15 Grupos de Militância Homossexual em atuação no país<sup>10</sup>, dentre eles alguns representantes do GATHO. Seu objetivo principal foi discutir e planejar a realização do II EBHO. Ao final do evento, foi deliberado que a segunda edição do Encontro Brasileiro de Homossexuais seria realizada na semana santa do ano seguinte, conforme notícia publicada no Boletim Nº 3 do GATHO<sup>11</sup>. Todavia, uma série de fatores levaram a suspensão da realização do II EBHO e dois Encontros regionais foram realizados no seu lugar, sendo um em São Paulo<sup>12</sup> e o outro em Olinda/Recife. Com o cancelando do Encontro Nacional, os militantes pernambucanos assumiram a responsabilidade de organizar um Encontro Regional com Grupos do Nordeste.

A realização do EGHON pelo GATHO em Olinda e Recife indica uma considerável capacidade organizativa do Grupo ao prover toda estrutura necessária para o Encontro que contou com cerca de 60 participantes, entre bissexuais, gays e lésbicas. Indica ainda a centralidade e o protagonismo do GATHO nesse período inicial de estruturação dos Grupos de Militância Homossexual no Nordeste. Ao mesmo tempo em que se tornaram referência, os militantes do Grupo pernambucano também buscaram ampliar suas redes de relacionamento no emergente Movimento Homossexual.

A programação do EGHON contou com diversas atividades. Os grupos de debates ocorreram no CCFL, tendo como principais temas: violência e discriminação contra homossexuais; misoginia e sexismo; preconceito entre homens e mulheres homossexuais; e o preconceito contra homossexuais negros. Os participantes também

<sup>10</sup> De acordo com Mendes (2010), a Prévia do II EBHO contou com a participação dos seguintes Grupos: SOMOS do Rio de Janeiro/RJ; Auê do Rio de Janeiro/RJ; Bando de Cá de Niterói/RJ; SOMOS de São Paulo/SP; Outra Coisa de São Paulo/SP; EROS de São Paulo/SP; Convergência Socialista de São Paulo/SP; Grupo de Atuação Lésbico-Feminista (GALF) de São Paulo/SP; Terra Maria de São Paulo/SP; Alegria Alegria de São Paulo/SP; Grupo Opção de São Paulo/SP; Liberdade Sexual de Santo André/SP; GGB de Salvador/BA; GATHO de Olinda/PE; Beijo Livre de Brasília/DF; e o Terceiro Ato de Belo Horizonte/MG.

<sup>11</sup> GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. *Boletim Informativo do GATHO*. N. 3, dez., 1980b, Olinda.

<sup>12</sup> Encontro Paulistano de Grupos Homossexuais (EPGHO), realizado nos dias 25 e 26, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP).

discutiram longamente a respeito da discriminação realizada pelos meios de comunicação, explorando a homossexualidade quase sempre a partir de uma perspectiva preconceituosa e discriminatória (GATHO, 1981a)<sup>13</sup>. O relatório final do encontro indica que as dificuldades enfrentadas pelo GATHO junto aos jornais pernambucanos também era vivenciada pelos outros Grupos do Nordeste em seus respectivos estados.

Entre os presentes no EGHON havia a preocupação de ampliar o número de organizações de militância homossexual na região e fortalecer relações com outros movimentos sociais. Vejamos um trecho do Relatório Final do Encontro:

Com o objetivo de ampliar nosso movimento na região conquistar novos espaços para a discussão da questão homossexual, resolvemos incentivar a criação de novos grupos nas demais cidades, ao mesmo tempo buscar um maior entrosamento e ação intergrupual, a edição da revista e promoção de debates e palestras sobre a questão homossexual.

É decisão e interesse do MH Nordeste fortalecer um maior relacionamento com outros grupos organizados, tais como os movimentos feminista, negro, de apoio ao índio, ecológico. Entendemos que a luta destes movimentos estão interligadas, assim como todas as lutas dos grupos oprimidos objetivam a erradicação do preconceito, da discriminação e buscam melhores condições de vida e uma sociedade igualitária. Pretendemos também com isso que a questão homossexual seja discutida e a luta pela liberdade sexual seja encampada por esses grupos, sendo intenção do MH Nordeste abrir um maior espaço de discussão sobre a mulher e o negro (GATHO, 1981a, p.1).

Essas deliberações indicam o interesse dos Grupos do Nordeste em fortalecer o debate sobre os processos de preconceito vivenciados por homossexuais junto a outros Movimentos Sociais, a exemplo do Movimento Feminista e do Movimento Negro. Além da preocupação com as diversas discriminações que um indivíduo pode sofrer em função de marcadores sociais de sexualidade, raça e gênero, o interesse em uma maior aproximação com outros Movimentos também pode ser lido como uma estratégia para ampliar a visibilidade dos debates em torno da homossexualidade em um período onde essa discussão ainda estava restrita a uma parcela bastante reduzida da sociedade.

<sup>13</sup> GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do NE. GATHO: Olinda, 1981a.

A plenária de encerramento do EGHON realizada no Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) deliberou ainda pela realização de uma segunda edição do Encontro no período da Semana Santa do ano seguinte; a criação da Revista Bichana – Revista do Movimento Homossexual Nordeste; e a participação de todos os Grupos presentes na 33ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em julho de 1981 na cidade de Salvador, como forma de ampliar a divulgação da organização do Movimento Homossexual no Brasil (GATHO, 1981a).

As propostas de realização de uma segunda edição do EGHON e da criação Revista Bichana nunca saíram do papel. Por outro lado, a participação na 33ª Reunião Anual da SBPC rendeu grande visibilidade. Em um dos capítulos do Livro “História do Movimento LGBT no Brasil” (GREEN; QUINALHA; CAETANO; FERNANDES, 2018), Luiz Mott, antropólogo, historiador, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e fundador do GGB, recuperou o documento de celebração do primeiro aniversário do Grupo baiano para retratar as ações da Militância Homossexual na Reunião da SBPC em 1982:

Julho foi aquele arraso na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no Campus da UFBA: rodamos de tal modo a baiana que um jornal de Salvador traduziu SBPC como sendo *Sociedade das Bichas Procurando Cartaz!* Cá estiveram representantes dos grupos Daialogay/Se, Nós Também/Pb, Gatho/Pe, Facção Homossexual da Convergência Socialista/Sp, Grupo de Ação Lésbico-feminista/Sp (Rosely Roth), Somos/Rj, Auê/Rj. O Outra Coisa/Sp mandou-nos telegrama e o Somos/Sp enviou “Carta Aberta à SBPC”. Nossas atividades mereceram reportagem em todos os principais jornais de Norte a Sul inclusive notas e fotos (a cores!) na *Veja, Isto é e Visão*. Fizemos um ato público num circo/auditório, com mais de 1.000 pessoas, com a presença de Abdias Nascimento; a “barraca gay” foi o ponto mais badalado e concorrido de toda a reunião: aí furamos mais de 60 orelhas de homens que aderiram à nova moda introduzida pelos gays estimulando homem também a usar brinco como contestação da rígida divisão dos sexos [...] (MOTT, 2018, p. 215-216, grifos do original).

Planejada no EGHON, a espetacular participação na 32ª Reunião Anual da SBPC atraiu os olhares da imprensa nacional e rendeu considerável visibilidade sobretudo pelo questionamento das normas de gênero. Situação semelhante ocorreu durante o próprio EGHON, quando os participantes do Encontro decidiram realizar uma passeata nas ruas do sítio histórico de Olinda com palavras de ordem nada convencionais para uma manifestação de um Movimento Social. Além de bradar em alto e bom som “gay unido, jamais será vencido!”, um grupo com cerca de 60 bissexuais, gays e lésbicas fez ecoar as seguintes frases pelas ladeiras de Olinda:

*Au, au, au, é legal ser homossexual.  
Ête, éte, éte, é gostoso ser gilete.  
Ado, ado, ado, ser viado não é pecado.  
U, u, u, é gostoso dar o cu.  
Ona, ona, ona, é legal ser sapatona.  
O coito anal derruba o capital (MACRAE, 2018 [1982], p. 38, grifos do original)<sup>14</sup>.*

O EGHON se constituiu como um momento bastante singular no contexto dos primeiros anos do então Movimento Homossexual no nosso país. Em um período onde o que estava em jogo era a própria constituição da identidade do Movimento, o Encontro dos Grupos do Nordeste construiu uma agenda política de reivindicações, defendeu a aproximação com outros Movimentos Sociais, deliberou agendas importantes para os anos seguintes, como a participação na 32ª Reunião Anual da SBPC, e aproximou os Grupos de Militância da região, fomentando também a fundação de novas organizações. O encerramento do Encontro ocorreu na famosa Boate *Misty*, localizada em Recife, com direito a intervenções e manifestações dos militantes no

<sup>14</sup> Trecho extraído do artigo “Os respeitáveis militantes e as bichas loucas” de autoria de Edward Macrae publicado originalmente em: EULÁLIO, A. (Org.). **Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 99-111. Posteriormente publicado na coletânea: COLLING, L. (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: UFBA, 2011. p. 21-35. E mais recentemente publicado na nova edição de MACRAE, E. **A Construção da Igualdade Política e Identidade Homossexual no Brasil da “Abertura”**. Salvador: UFBA, 2018. p. 37-49.

palco do estabelecimento, ampliando a divulgação da luta contra discriminação contra homossexuais no Nordeste para todos ali presentes.

Responsável pela organização, estrutura (alojamento, alimentação, materiais, etc.), construção da programação de atividades e elaboração do relatório final do EGHON, o GATHO impressionou pela sua capacidade organizativa e de relacionamento com outros Movimentos Sociais, instituições e organizações que colaboraram com o evento, oferecendo a estrutura necessária para sua realização. Através da organização do Encontro de Grupos do Nordeste em Pernambuco, os militantes do GATHO prestaram relevante contribuição para consolidação da formação do Movimento LGBT no Brasil.

O Grupo pernambucano também mantinha certa aproximação com a arena institucional. Enquanto que na experiência do Grupo Somos de São Paulo a aproximação com partidos políticos provocou um grande impasse que resultando em uma cisão (MacRae, 1990 [2018]), outro cenário pode ser encontrado quando observamos a experiência do GATHO conforme discutido a seguir.

### **Interações com o Estado e com a Política Institucional**

Antes mesmo do surgimento do GATHO, homossexualidade e política institucional já eram pauta de debates em Pernambuco. Nas eleições gerais de 1978, ainda sob amplo controle militar, um candidato a deputado federal chamou atenção dos setores mais conservadores da sociedade pernambucana. Com discursos de combate à discriminação, Baiardo de Andrade Lima candidatou-se pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), com o objetivo de representar o estado de Pernambuco na Câmara Federal. Indignado com a expressa defesa do “movimento gay”, realizada pelo então candidato, um leitor enviou uma carta ao Jornal do Commercio que foi publicada na

edição de 2 de novembro de 1978<sup>15</sup>, alguns dias antes do pleito eleitoral, realizado no dia 15 de novembro do mesmo ano. Vejamos um trecho da carta:

Falo do candidato a deputado federal Baiardo de Andrade Lima. É claro que este cidadão não deve se eleger. Todavia, mais claro ainda está que ele, de maneira desumana se apresenta como incentivador festivo de um problema muito sério que é o homossexualismo, apresentando-se como defensor de movimento “gay” (denominação dada agora a homossexual). Esse tipo de movimento (creio inclusive ser sem nenhuma convicção por parte do seu novo líder) é simplesmente estarrecedor. É submeter ao ridículo uma comunidade que mais merece assistência médica e psicológica do que propriamente alguém que, mesmo de gozação, isso é o que o tal Baiardo faz, agrave o problema. (MAGALHÃES apud SILVA, 2011, p. 198-199).

A associação entre homossexualidade e patologia é evidente. Para o autor da carta publicada no *Jornal do Commercio*, a ideia de organização política de homossexuais a partir de um Movimento Social era estarrecedora justamente porque tais sujeitos deveriam receber assistência médica para conter seus “desejos impróprios”. O exercício da livre sexualidade entre pessoas do mesmo sexo, ou o “homossexualismo” nas palavras do missivista, aparece assim como transtorno e desvio, não havendo assim qualquer justificativa para a defesa de tal condição.

Além das reações em oposição expressas na carta, outros elementos carecem ser problematizados nessa experiência. A candidatura de Baiardo Lima pelo MDB pode ser considerada, ao que tudo indica, pioneira ao trazer o debate em torno da homossexualidade e do combate à discriminação para o processo eleitoral. Embora houvesse progressiva ampliação dos espaços de sociabilidade frequentados por homossexuais na década de 1970 em Recife, a discussão a respeito da organização de um Movimento Homossexual ainda era bastante incipiente. No ano em que Baiardo Lima lançou sua candidatura, havia apenas uma organização que atuava em defesa do respeito à homossexualidade, o Grupo Somos de São Paulo, localizado na região

<sup>15</sup> Julio Magalhães, Gay, *Jornal do Commercio*, Recife, quinta-feira, 02/11/1978, Caderno I, p. 02.

sudeste. Não se sabe ao certo como o então candidato teve acesso aos discursos da organização política de homossexuais. Mas é possível afirmar que sua candidatura foi bastante inovadora para aquele contexto histórico.

Nas eleições de 1978, a política brasileira ainda era formatada pelo bipartidarismo instituído pelo Regime Militar. Apenas dois partidos eram elegíveis. O MDB reunia amplos setores da oposição ao Governo Militar. Já a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), congregava políticos que estavam alinhados aos militares. Nessa configuração, uma candidatura que apresentasse a defesa do Movimento Homossexual só poderia existir no âmbito do MDB, embora o partido também não tivesse a defesa do combate à discriminação contra homossexuais como uma de suas agendas oficiais.

A relação de ativistas homossexuais e política institucional no Brasil remonta a década de 1960. De acordo com De La Dehesa (2010), grupos estudantis e organizações da luta armada contra a Ditadura Militar funcionaram como “porta de entrada”. Todavia, essa relação só vai se consolidar com a aprovação da lei orgânica dos partidos políticos, lei nº 6.767, de 20 de dezembro de 1979, que extinguiu o bipartidarismo no Brasil, possibilitando a fundação e/ou legalização de diversas agremiações partidárias. Nesse contexto, muitos ativistas homossexuais contribuíram com o processo de fundação do PT em 1980, filiaram-se oficialmente ao partido e participaram das eleições de 1982 na condição de candidatos (CRUZ, 2015; SANTOS, 2016). Assim, a literatura acadêmica que discute as conexões entre Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil<sup>16</sup> vem apontando para a consolidação dessa relação a partir da fundação do PT, não havendo grandes ligações de ativistas do então Movimento Homossexual com o MDB, partido pelo qual Baiardo Lima foi candidato em 1978.

---

<sup>16</sup> Um ensaio de autoria de Cleyton Feitosa apresenta um rico levantamento das conexões entre Movimento LGBT e Partidos Políticos no Brasil. Para compreender melhor essa discussão deve-se consultar o trabalho intitulado “Movimento LGBT e Partidos Políticos: construindo uma agenda de pesquisa” (FEITOSA, 2017).

Uma década após essa primeira experiência eleitoral que aproximou o debate em torno da homossexualidade da política institucional, Josenita Duda Ciríaco<sup>17</sup>, militante percussora na organização política do movimento de lésbicas em Pernambuco, candidatou-se ao cargo de vereadora no município de Camaragibe nas eleições de 1988. Conhecida também como Nita ou Jô de Camaragibe, organizava a “Noite da Metamorfose” na sua residência desde o final dos anos 1970. O evento reunia homens e mulheres homossexuais, proporcionando um espaço de troca de discussões e trocas de experiências que mais tarde, em 1990, na fundação da Articulação e Movimento Homossexual de Recife e Região Metropolitana (AMHOR), segunda organização institucional do Movimento LGBT em Pernambuco.

Engajada também com os Movimentos Negros e Feministas, sendo peça central na articulação dessas lutas em Pernambuco, Josenita Ciríaco mantinha participação ativa no PT. Atuou na fundação do partido e nas eleições municipais de 1988 foi candidata ao cargo de vereadora na cidade de Camaragibe, onde tinha residência. Reconhecida como militante lésbica com relevante potencial político na época, levou as agendas de feministas, de igualdade racial e de combate à discriminação sexual para o debate eleitoral. Ao final do pleito, obteve 197 votos, sendo a candidata mais votada entre os petistas no município<sup>18</sup>. Apesar do expressivo resultado, não conseguiu ser eleita em razão do partido não ter alcançado quociente eleitoral mínimo para eleição de um representante na Câmara Municipal de Camaragibe.

As interações de militantes homossexuais em Pernambuco com partidos políticos entre o fim da década de 1970 e ao longo da década de 1980 revelam o interesse pela política institucional, observando esse espaço como um lócus privilegiado

<sup>17</sup> Reconhecida como importante liderança popular no seu município, Josenita foi homenageada na “2ª Periférica - Mostra de Cinema de Camaragibe”. O vídeo em homenagem a sua trajetória pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=exN72W-Q1fv>.

<sup>18</sup> A chapa do PT foi composta por 12 candidatos ao cargo de vereador no município de Camaragibe nas eleições de 1988. Fonte: <https://www.tre-pe.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1988/candidatos-1988>.



para o combate à discriminação e a conquista de direitos. As experiências das candidaturas de Baiardo Lima e Josenita Ciríaco vão na direção contrária de uma certa compreensão já consolidada pela literatura que se debruça sobre a atuação do Movimento Homossexual nesse período. Tomando as publicações de MacRae (2018 [1990]), Facchini (2005) e Simões e Facchini (2009) como referências, as interações entre militância homossexual e política institucional adquiriram maior relevância a partir do engajamento dos Grupos na Assembleia Nacional Constituinte, com vistas a inclusão da proibição da discriminação por orientação sexual na nova Carta Magna. Ainda segundo esses trabalhos, é somente com o processo redemocratização, a criação de políticas de enfrentamento à AIDS e abertura de alguns espaços de participação social na década de 1990 que o Movimento passa a estabelecer interações com o Estado.

Na direção do que Cruz (2015) apontou, essa perspectiva vem sendo questionada por algumas investigações que indicam interações de militantes homossexuais e partidos de esquerda já em um período anterior ao processo de redemocratização do país (GREEN, 2012; GREEN e QUINALHA, 2014; DE LA DEHESA, 2010). Avançando nessa argumentação, a partir das evidências empíricas pontuadas acima na experiência do Movimento Homossexual em Pernambuco, a caracterização de uma relação de tensão e afastamento entre esse Movimento e a política institucional (MACRAE, 2018 [1990]; FACCHINI, 2005; SIMÕES e FACCHINI, 2009) parece mais ser uma questão inerente ao Grupos Somos de São Paulo que um quadro mais geral do período inicial de atuação do Movimento LGBT no Brasil. Essa compreensão pode ser ainda mais confirmada quando observada as interações do GATHO como o Estado e a política institucional.

Pouco mais de um ano após sua fundação, o GATHO participou da convenção regional do PT de Pernambuco. A participação ficou registrada em um texto publicado

na edição do Jornal Diário de Pernambuco de 29 de dezembro de 1981<sup>19</sup>. Descrevendo o evento partidário, a reportagem registrou: “até a presença de um “grupo de atuação homossexual” que foi levar solidariedade ao Partido dos Trabalhadores” (RIBEIRO, 1981, p. A-2, grifos do original). O grupo citado pela matéria trata-se do GATHO e comparecimento de seus militantes ao evento indica relação de proximidade ideológica com o PT.

Figura 1: Capa do Boletim N° 03 do GATHO



Fonte: <https://grupogatho.blogspot.com/>

O debate a respeito da relação da militância homossexual com a política institucional ganhou espaço no Boletim N° 3 do GATHO (Figura 4). Destaque na capa da publicação, o título “Nossa política é a da frentinha”, aparece logo na parte superior

<sup>19</sup> RIBEIRO, José Adalberto. Festiva. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 157, n. 351, 29 dez. 1981. Política, p. A-2.

esquerda, acima de uma ilustração. Na segunda página do Boletim, um texto esclarece que o GATHO não pretendia apoiar especificamente nenhum partido político nas eleições de 1982 e faz a seguinte ressalva: “entretanto o nosso movimento é político por natureza, pois batalhamos contra a discriminação e repressão que sofremos e vamos de encontro a uma ordem social que nos prejudica” (GATHO, 1980c, p.2)<sup>20</sup>. Analisando especificamente esse texto, o Grupo parece compreender que a participação da militância homossexual na política institucional não significa a adesão voluntária a determinado partido político.

Nessa perspectiva, além de ter participado de eventos do PT, o GATHO manteve interações com políticos de outros partidos. Um exemplo disso é a relação do Grupo com o então Vereador de Olinda, Fernando Gondim (MDB). No ano de 1983, a Câmara Municipal do município aprovou uma Moção de Repúdio ao Código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) também adotado no Brasil pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), que determinava a homossexualidade enquanto um “Desvio e Transtorno Sexual”<sup>21</sup>. A apresentação da Moção ocorreu por iniciativa do Vereador Fernando Gondim (MDB), a partir das interações estabelecidas pelo GATHO.

Desde a 1ª edição do Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), realizada nos dias 4, 5 e 6 de abril de 1980 na cidade de São Paulo, que as primeiras organizações brasileiras do então Movimento Homossexual vinham discutindo ações para pressionar os organismos de saúde pela extinção do Código 302.0 que na prática classificava a homossexualidade como patologia (MACRAE (2018 [1990])). Em 1981, a partir de uma iniciativa do GGB, teve início a realização de uma campanha<sup>22</sup> pela

<sup>20</sup> GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. Boletim Informativo do GATHO. N. 3, dez., 1980b, Olinda.

<sup>21</sup> Informação extraída do discurso de Jackson Cavalcanti Júnior disponível no site do Fórum LGBT de Pernambuco: <http://flgbtpe.blogspot.com/2010/07/discurso-de-jackson-cavalcanti-junior.html>.

<sup>22</sup> Embora a realização de uma campanha desse tipo já tivesse sido deliberada no 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) e nas prévias do 2º EGHO, o GGB foi o grupo responsável por concretizar a proposta (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais do INAMPS. Após uma intensa mobilização que reuniu milhares de assinaturas e contou com o apoio de personalidades importantes da época<sup>23</sup>, o INAMPS retirou a homossexualidade da sua classificação de doenças em 1985<sup>24</sup>. No mesmo ano, o GGB juntamente com o Triângulo Rosa do Rio de Janeiro, lideraram uma nova mobilização, desta vez para a inclusão da proibição de discriminação de “orientação sexual” no novo texto constitucional que seria promulgado em 1988.

Dentro desse debate, os militantes pernambucanos obtiveram conquistas importantes. Representantes do GATHO já vinham participando de encontros regionais e nacionais das organizações homossexuais desde o ano da fundação do Grupo e assim se mantiveram ao longo da década de 1980. Tendo presença frequente em boa parte desses eventos, a militância do GATHO estava inserida nas discussões que possibilitaram a realização de duas grandes campanhas do MHB nesse período: (i) extinção do código 302.0; e (ii) aprovação da proibição da discriminação por orientação sexual na Constituição Federal de 1988. Nesse contexto, é possível constatar a importância central da aproximação do GATHO com o Vereador Fernando Gondim (MDB). Além da Moção de Repúdio ao Código 302.0, aprovada em 1983, o mesmo Vereador também foi responsável pela emenda que incluiu a proibição da discriminação por orientação sexual na Lei Orgânica do município de Olinda, aprovada no ano de 1990.

As conquistas obtidas pela militância do GATHO evidenciam são resultado dos repertórios de interação estabelecidos pelo Grupo com o Estado, nesse caso específico através do Poder Legislativo. Para Abers, Serafim e Tatagiba (2014), essa interação

---

<sup>23</sup> Destaca-se o apoio de algumas lideranças políticas dos anos 1980 como Franco Montoro, Ulisses Guimarães e Darcy Ribeiro.

<sup>24</sup> Em 09 de fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina (CFM) tornou a classificação do Código 302.0 sem efeito no Brasil.

compreende uma rotina denominada de “política de proximidade”. Nas palavras das autoras:

Essa forma de interação Estado-sociedade funciona através de contatos pessoais entre atores de Estado e sociedade civil. Atores específicos obtêm distinção através de sua posição em um campo relacional, que lhes confere um nível de prestígio tal que lhes possibilita prescindir das mediações institucionais e/ou estruturas rituais que facultam acessos. [...] Os militantes frequentemente avançam suas bandeiras e objetivos através de negociação direta com tomadores de decisão, tanto no Legislativo quanto no Executivo. [...] O recurso mobilizado pelos ativistas, neste caso, é sua posição como interlocutor reconhecido. No entanto, as razões pelas quais eles são capazes de “falar diretamente” com autoridades públicas podem variar substancialmente, envolvendo laços pessoais e até o *status* da organização a qual pertencem (ABERS, SERAFIM e TATAGIBA, 2014, p. 332-333, grifos do original).

Considerando o ano de aprovação de cada uma das matérias com as reivindicações do Movimento Homossexual na Câmara Municipal de Olinda, nota-se que a rotina da “política de proximidade” estabelecida pelo GATHO junto ao Vereador Fernando Gondim (MDB) se deu em um período de longo prazo. A aprovação da Moção de Repúdio ocorreu em 1983, enquanto que a definição da proibição da discriminação por orientação sexual no Art. 7º da Lei Orgânica Municipal foi aprovada em 1990. Nesse período, a militância do GATHO manteve essas agendas em discussão. O colunista Paulo Fernando Craveiro do jornal Diário de Pernambuco noticiou a realização de uma reunião do Grupo, no início de maio de 1985, em que a Assembleia Nacional Constituinte foi o principal ponto de pauta<sup>25</sup>. O mesmo colunista, publicou o seguinte texto na edição do Diário de Pernambuco de 27 de julho de 1986<sup>26</sup>:

<sup>25</sup> CRAVEIRO, Paulo Fernando. Coluna do meio. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 160, n. 120, 03 mai., 1985. Opinião, p. A-7.

<sup>26</sup> CRAVEIRO, Paulo Fernando. São 10% do mundo. *Diário de Pernambuco*, Recife, ano 161, n. 253, 13 set. 1985. Opinião, p. A-7.

#### Orientação Sexual

O Grupo de Atuação Homossexual de Pernambuco enviou ofício ao presidente da Comissão de Estudos Constitucionais, Afonso Arinos de Melo Franco, no sentido de reafirmar a não discriminação do cidadão pela cor, pelo credo, pela raça e pela “orientação sexual”.

O ponto básico é este:

o grupo defende a expressão orientação sexual;

Par ele o que melhor qualifica o conjunto da hetero-homo-bissexualidade (CRAVEIRO, 1986, p. A-7, grifos do original).

A matéria revela participação ativa do GATHO na campanha pela inclusão da proibição da discriminação por orientação sexual na Constituição Federal. Iniciada em 1985 sob liderança do GGB e do Grupo Triângulo Rosa do Rio de Janeiro, a campanha contou com a colaboração de outras organizações do MHB na segunda metade da década de 1980, a exemplo do GATHO. O Grupo Pernambuco mantinha regular troca de correspondências com Luiz Mott, líder do grupo baiano, e com João Antonio Mascarenhas, principal liderança do grupo carioca. Este último foi um grande entusiasta da campanha junto à Assembleia Constituinte, posteriormente incentivando a inserção de militantes homossexuais nos debates de elaboração de diversas constituições estaduais e de leis orgânicas municipais.

Analisando a trajetória do Triângulo Rosa, Cristina Câmara (2002), verificou o protagonismo do grupo na inserção do Movimento LGBT no cenário político brasileiro, sobretudo com o Poder Legislativo, durante a segunda metade dos anos 1980. Nesse contexto, o Triângulo Rosa também realizou um grande esforço para legitimação da noção de “orientação sexual” em detrimento da expressão “opção sexual”, de recorrente uso até então. Em plena ascensão do número de novas infecções por HIV entre homossexuais e travestis, João Antonio Mascarenhas, então diretor de comunicação do Triângulo Rosa, discursou na Subcomissão de Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias, bem como na Subcomissão dos Direitos e Garantias Individuais da Assembleia Nacional Constituinte, nos meses de abril e maio de 1987. Apesar de

toda articulação realizada, a proposta de proibição da discriminação por “orientação sexual” perdeu força nas próprias subcomissões e foi definitivamente derrotada no Plenário da Assembleia, em 28 de janeiro de 1988. Uma nova tentativa de aprovação foi feita na Revisão Constitucional de 1994, sendo novamente derrotada (SANTOS, 2018).

Embora a campanha não tenha obtido sucesso com a rejeição da proposta, a presença de um ativista homossexual no Congresso Nacional foi considerada uma conquista para a militância de época. Além das exposições de Mascarenhas, a discussão sobre a proibição de discriminação por “orientação sexual” também se fez presente nas intervenções de diversos deputados constituintes, com destaque para o José Genuíno e Benedita da Silva, ambos filiados ao PT.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o debate seguiu nas constituições estaduais e leis orgânicas municipais, resultando em algumas importantes vitórias, a exemplo da Lei Orgânica Municipal de Olinda em decorrência das interações estabelecidas pelo Grupo pernambucano com o legislativo local. Logo após essa conquista, o GATHO desarticulou-se por completo. Tendo baixa participação dos seus integrantes desde meados de 1985, manter as atividades tornou-se uma tarefa difícil. Alguns de seus ex-membros mantiveram algum nível de ligação com a militância homossexual. Todavia, o Grupo enquanto organização desintegrou-se totalmente em 1990.

### **Considerações Finais**

Observando a trajetória da Movimento Homossexual em Pernambuco é possível identificar alguns processos de interação socioestatal na década de 1980. Esses processos se iniciaram ainda no fim dos anos 1970, através da candidatura de Baiardo Lima (MDB) ao cargo de Deputado Federal nas eleições de 1978. Com o objetivo de combater a discriminação, o candidato do MDB defendeu o fortalecimento do

Movimento como principal bandeira de sua campanha, também almejando com isso ampliar o alcance das reivindicações da militância homossexual ao Estado.

A militância organizada no GATHO, por sua vez, também atuou na arena institucional, estabelecendo interlocuções com partidos políticos e a partir disso obteve acesso a agentes estatais estratégicos no Poder Legislativo. Esse processo resultou na aprovação de duas matérias de interesse do Grupo na Câmara Municipal de Olinda através de proposições do vereador Fernando Gondim (MDB). Inicialmente, uma moção de repúdio ao CID 302.0, dispositivo que classificava a homossexualidade como patologia, foi aprovada na casa legislativa em 1983. Posteriormente, já no ano de 1990, militantes do GATHO atuaram para aprovação da proibição de discriminação por orientação sexual na Lei Orgânica do Município de Olinda, obtendo êxito.

A candidatura da militante lésbica Josenita Ciríaco (PT) ao cargo de vereadora do município de Camaragibe nas eleições de 1988 também se insere nesse contexto. Liderança popular com forte militância partidária desde a fundação do PT, foi a candidata mais votada da sua coligação, tendo uma campanha pautada na defesa das agendas de reivindicação dos movimentos feministas, homossexuais e negros.

Compreendo os partidos como porta de entrada para ocupação de cargos que possibilitam acesso a espaços institucionais de poder no Estado, é possível apontar que na experiência do Movimento LGBTI em Pernambuco, repertórios de interação socioestatal se iniciaram em um momento anterior ao processo de instalação da Assembleia Nacional Constituinte. O marco dos debates de elaboração da Constituição Federal de 1988, tomado como início da aproximação do então Movimento Homossexual ao Estado, necessita assim ser problematizado observando experiências que não se restrinjam aos Grupos de militância situados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nesse sentido, uma observação mais atenta desses fenômenos realizada por futuras investigações poderá contribuir para uma compreensão mais ampla do surgimento e da trajetória do Movimento LGBTI no Brasil.



## Referências

- ABERS, Rebecca; SERAFIM, Liza; TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação Estado-sociedade em um Estado heterogêneo: a experiência na era Lula. **Dados**, v. 57, n. 2, p. 325-357, 2014.
- ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Sociologia & antropologia**, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012.
- CAVALCANTI JÚNIOR, Jackson. Discurso de Jackson Cavalcanti Junior em homenagem ao GATHO, 23 de julho de 2010 - Câmara de Olinda. Disponível em: <http://flgbtpe.blogspot.com/2010/07/discurso-de-jackson-cavalcanti-junior.html>. Acesso em: 01/03/2021.
- CRUZ, Rodrigo Rodrigues. **Do protesto às urnas: O movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, São Paulo.
- CRAVEIRO, Paulo Fernando. Coluna do meio. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 160, n. 120, 03 mai. 1985. Opinião, p. A-7. Recuperado de: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_16&Pesq=gatho&pagfis=88773](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pesq=gatho&pagfis=88773). Acesso em: 12/03/2021.
- CRAVEIRO, Paulo Fernando. São 10% do mundo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 161, n. 253, 13 set. 1986. Opinião, p. A-7. Recuperado de: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=107143](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=107143). Acesso em: 12/03/2021.
- DE LA DEHESA, Rafael. **Queering the Public Sphere in Mexico and Brazil: Sexual rights movements in emergence democracies**. NC: Duke University Press, 2010.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FEITOSA, Cleyton. Movimento LGBT e Partidos Políticos: construindo uma agenda de pesquisa. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 3, n. 4, pp. 1-12, out-dez, 2017
- GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. Boletim Informativo do GATHO. N. 1, out., 1980a, Olinda.
- GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. Boletim Informativo do GATHO. N. 3, dez., 1980b, Olinda.
- GATHO - GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL. 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do NE. GATHO: Olinda, 1981a.
- GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.
- GREEN, James. Quem é o macho que quer me matar? Homossexualidade masculina, masculinidade revolucionária e luta armada brasileira dos anos 1960 e 1970. **Revista Anistia Política e Justiça de Transição**, n. 8, p. 58-93, 2012.
- GREEN, James N; QUINALHA, Renan. Introdução. In: **Ditadura e Homossexualidades – Repressão, Resistência e a Busca da Verdade**. São Paulo: Editora EdUFSCar, 2014.
- MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “Abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018 [1990].
- MENDES, Leo. 2010. História do Movimento LGBT Brasileiro. Disponível em: <http://lgbtt.blogspot.com.br/2010/04/historia-do-movimento-lgbt-brasileiro.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- RIBEIRO, José Adalberto. Festiva. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 157, n. 351, 29 dez. 1981. Política, p. A-2. Recuperado de: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\\_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=38695](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pesq=%22grupo%20de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20homossexual%22&pasta=ano%20198&pagfis=38695). Acesso em: 10/03/2021.

MOTT, Luiz. O imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. cap. 11, p. 211-226.

RODRIGUES, Aida Carneiro Barbosa. **"Mundo Guei"**: produção caleidoscópica de homossexualidades em um dispositivo jornalístico. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SANTOS, Emerson. A Agenda LGBTI no Congresso Nacional. De João A. Mascarenhas à Jean Wyllys. In: CAETANO, Márcio; RODRIGUES, Alessandro; NASCIMENTO, Cláudio; GOULART, Treyce Ellen (Orgs.). **Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018)**. Rio Grande: FURG, 2018. cap. 28, p. 163-169.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v., n. 1, pp. 179-212, jan-jun, 2016.

SANTOS, Mateus Melo dos. **Bocas que beijam, bocas que falam: Grupo de Teatro Vivencial e masculinidades em Recife e Olinda (1974-1983)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SILVA, Sandro José da. **Quando Ser Gay Era Uma Novidade: Aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

### **Entering the Institutional Arena:**

a study of the Homosexual Movement in Pernambuco in the 1980s

**Abstract:** In the last decades there has been a progressive increase in the number of public policies and other state initiatives to combat discrimination and promote the rights of Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites, Transsexuals and Intersex (LGBTI) in Brazil. As a result of the demands presented by the LGBTI Movement in the processes of state interaction, such initiatives were not restricted to the federal level and multiplied by the three units of the federation, Municipalities, States and the Union, and by the three Powers of the Republic, Executive, Legislative and Judiciary. In the direction of contributing to an understanding of the beginning of this process, this work aims to identify the interactions of the then Homosexual Movement of Pernambuco with the State in the 1980s. Although quite active in the period, especially since the founding of the Homosexual Action Group in Olinda (GATHO), the experience of Pernambuco's militancy figures in a very residual way in the academic literature that discusses the emergence of the LGBTI Movement in our country. In methodological terms, the qualitative exploratory research that resulted in this article involved the analysis of bibliography, documents and journalistic articles. It was possible to identify

that the socio-state interactions between State and Movement in Pernambuco started in a period prior to the installation of the National Constituent Assembly, indicating that a broader understanding of the emergence and trajectory of the LGBTI Movement in Brazil requires the analysis of experiences that restricted to militancy groups located in São Paulo and Rio de Janeiro.

**Keywords:** Homosexual Movement. LGBTI Movement. GATHO. Sexual Orientation. Gender Identity.

Recebido: 29/04/2021

Aceito: 12/07/2021